

**ANÁLISE ESTILÍSTICO-SINTÁTICA
DA CANÇÃO “VALSINHA”, DE VINÍCIUS DE MORAES
E CHICO BUARQUE DE HOLANDA¹⁴**

Luísa Galvão Lessa (UFAC)
lessaluisa@yahoo.com.br

RESUMO

A análise estilístico-sintática da canção “Valsinha”, de Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda, objetiva realizar um estudo do poema, tomando-se por base os fundamentos da estilística, no sentido de apresentar a riqueza de palavras, expressões e construções sintáticas plenas de efeitos estéticos, no sentido de traduzir o momento do movimento *hippie* da década de setenta. Os autores, por meio da *performance* de um casal, fazem homenagem a esse evento de vanguarda que retrata, metaforicamente, o lirismo vivido por seus integrantes como artifício para fugir da censura política da época. A análise procura oferecer um quadro capaz de traduzir a importância da inter-relação entre som e expressividade, aliados ao valor semântico das palavras que, ao final, no conjunto, espelham a beleza dos recursos estilísticos utilizados, poeticamente, para dar voz ao movimento que vivia sob a égide da censura militar.

Palavras-chave: Estilística. Figuras de Linguagem. Poética.

1. Introdução

Este trabalho tem por finalidade realizar a análise estilístico-sintática da canção “Valsinha”, de Vinícius de Moraes e Chico Buarque, visando uma interpretação dos elementos do texto poético, levando-se em conta as palavras e expressões apresentadas em construções sintáticas e organizações frasais, carregadas de efeitos estéticos e literários. Haja vista, vislumbramos observar o estilo, assim como o uso individual dos autores na exploração dos recursos expressivos da língua, para se conseguir o máximo de efeitos expressivos e estilísticos, que se consegue obter dentro das possibilidades da língua.

Desse modo, consideramos os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras. Além disso, almejamos estabele-

¹⁴ Artigo resultante de trabalho de grupo, orientado pela Prof^a Luísa Galvão Lessa, da Universidade Federal do Acre, no Campus Floresta, com os alunos Erlisson de Souza Pinheiro, Manuela de Pinho Araújo, Maria Auxiliadora de Freitas Silva Rodrigues, Maria Aldenora dos Santos Lima, Marcelo Zaboetzke e Mitter Vasconcelos.

cer princípios capazes de explicar as escolhas particulares feitas por indivíduos e grupos sociais no que se refere ao uso da língua, mais propriamente da linguagem literária e estilística de cada autor, na expressividade delas, isto é, a sua capacidade de transfundir emoção e sugestionar os nossos pensamentos, ideias, valores e comportamentos literários, históricos, sociais, políticos, ideológicos, sociológicos e filosóficos.

Sob esta perspectiva, procuramos identificar o conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética, percebendo a marca de cada autor, o somatório de tudo o que ele produz em termos de ideal estético, de belo, em seu trabalho, projetando-se em todos os setores da língua. De tal modo, lançamos mão dos postulados da estilística, para assim, dentro do seu objeto de estudo, estilo, realizar uma grande extensão das observações, através de uma análise sutil, na precisão das definições, assim como no rigor das classificações, que constituem um estudo metódico dos recursos da linguagem.

É mister assinalar ser de grande importância que se façam estudos acerca da poesia, bem como da linguagem usada pelo autor e o contexto histórico-cultural, o que irá caracterizar o estilo e marca registrada de cada literato. Por fim, o que interessa para estilística não é o que se diz, mas como se diz. Nesse prisma, por meio da estilístico-sintática, objetivamos uma análise de ordem sintática e os fenômenos a ela inerentes, tais como ruptura da ordem sintática preferencial dentro de um verso ou de uma frase. Nesse caso, à estilística sintática interessam as variantes de colocação, suscetíveis de causar emoção ou sugestionar o próximo. *Valsinha* é uma canção de Chico Buarque de Holanda dedicada ao amor, que pregava a liberdade de ação do indivíduo, sem preconceito, repressão, discriminação, isento de qualquer condenação ou censura.

2. O poema

Valsinha

Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar.
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar.
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto
Convidou-a pra rodar.

E então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar.
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Depois os dois deram-se os braços como a muito tempo não se usava dar.
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar.

E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou.
E foi tanta felicidade que toda cidade enfim se iluminou.
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouvia mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu em paz.

3. Análise estilístico-sintática da canção “Valsinha” de Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda

O texto Valsinha conta um episódio, combinando características de narração e descrição, sob a forma de enunciados que vão se alternando. Essa alternância se manifesta por meio dos tempos verbais pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, contrapondo a ação (que se desenrola em um determinado momento do passado) a um estado anterior (descrito por meio do pretérito imperfeito do indicativo). O objetivo do texto é apresentar uma transformação, inicialmente no personagem masculino, e, conseqüentemente, no personagem feminino, emblemáticos da relação entre o homem e a mulher, na nossa sociedade.

Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
um dia ele chegou tão diferente olhou -a de um jeito mais quente e não maldisse a vida tanto e nem deixou -a só num canto convidou -a pra dançar então ela se fez bonita depois os dois deram -se os braços foram para a praça começaram a se abraçar e aí dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou e foi tanta felicidade que toda a cidade se iluminou e foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos que o mundo compreendeu e o dia amanheceu em paz	do seu jeito de sempre chegar do que sempre costumava olhar quanto era seu jeito de sempre falar como há muito tempo não queria ousar como há muito tempo não se usava dar como não se ouviam mais

Observa-se, em todo o poema, uma versatilidade na utilização de alguns recursos sintáticos, no emprego das diversas classes gramaticais, bem como na colocação de alguns marcadores estilístico na repetição, omissão e inversão de termos, ocorrendo assim casos de (elipse, zeugma, polissíndeto, assíndeto, pleonasma, inversões), também a utilização do

registro coloquial-informal, na utilização da linguagem falada como marca da liberdade estético-poética, denotando uma licença para a abordagem temática, estética e literária.

A partir disso, percebemos, por exemplo, a utilização da colocação por ênclise em “Olhou-a, deixou-a, convidou-a, na primeira estrofe para evidenciar a iniciativa e convite do personagem para o ritual do amor. Além disso, é mister evidenciar que o poema inicia-se com a fórmula “um dia”, indeterminando a temporalidade da ação narrativa, universalizando a temática da iniciação sexual, o que fica explícito no trecho metafórico “convidou-a pra rodar”.

Outro aspecto a ser salientado no plano sintático é a construção de frases, versos, nos quais há uma inversão na estrutura dos sintagmas verbais e nominais. Nesse viés, é notório o desejo, a admiração do personagem em relação à mulher amada, no trecho em que apresenta o seguinte sintagma nominal: “então se fez bonita”. No transcorrer do tecido textual, o autor recorre a utilização de sintagmas verbais nos quais aparecem elipses, zeugmas, inversões, que intensificam as ações de um casal apaixonado, por exemplo, a elipse do pronome pessoal em “com seu vestido decotado e cheirando a guardado de tanto esperar e na inversão da estrutura frasal “ foram para a praça cheios de ternura e graça”.

Por conseguinte, o autor lança mão da gradação sintático-estilístico, na construção de orações coordenativas aditivas, que conduzirá o clímax do ato amoroso, um verdadeiro sonho, na valsa do prazer, do gozo e do sexo em “e dançaram e foi tanta felicidade e foram tantos beijos e o dia amanheceu”. O texto apresenta conjunções como marcadores da oralidade, nas quais os narradores apoiam-se para sustentar sua narrativa.

E importante, assinalar, também, a utilização de um pleonismo vicioso no intuito de reforçar a ideia do amor em “e ali dançaram tanta dança”, sugestionando a paixão, a ardência, a efervescência e química do casal. Faz-se necessário salientar também o uso do adjunto adverbial de modo-intensidade “tanto” que marca a liberdade de expressão sexual, cultural e de pensamentos.

Nesse prisma, o próprio título da canção “Valsinha”, de Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Holanda, faz uma alusão e analogia da *performance* e desempenho na dança, com a do próprio ato amoroso, denotando todo um erotismo. Destarte, logo no início da canção, os autores empregam a fórmula “um dia um casal muda a sua rotina e toma outro

rumo na vida”, preconizando o amor e sua vivência, sem qualquer tipo de censura, preconceito e discriminação, nem julgamentos e sentenças de condenação às ações da prática do sexo.

Do ponto de vista sintático, podemos destacar os sujeitos presentes na canção (SN – sintagma nominal) e seus respectivos predicados (SV – sintagma verbal).

Na primeira fase da apresentação o SN é o pronome definido E-LE. Na segunda, ELA. Finalmente OS DOIS. Há, também, outros SN que são introduzidos no enredo e fazem parte do contexto, sem importância central. São eles: Toda a Cidade...; A vizinhança...; Beijos loucos...; Gritos roucos...; O mundo...; O dia. Mas o eixo paradigmático da canção é marcado pelo SV, mais notadamente com a presença dos verbos terminados em AR, como por exemplo: “chegar...; olhar...; rodar; ousar.

Considerando os fatos supracitados, vê-se que o autor Vinicius de Moraes faz de alguns recursos estilísticos, visando uma maior expressividade e efeitos de sentido no plano sintático, haja vista, a necessidade discursiva de externar a liberdade de ação do indivíduo e o despudoramento de uma sociedade sem preconceitos até então reprimida.

Analisando o plano sintático, abstraímos que os autores, em toda canção, constroem orações com sintagmas nominais, representado pelo pronome ele, ela e os dois, sendo que o texto é permeado, principalmente, por sintagmas verbais, notadamente pelos verbos no infinitivo da primeira conjugação verbal e no pretérito perfeito do modo indicativo.

Outro importante detalhe a ser observado é que os versos começam organizados e longos e, à medida que o enredo vai tomando seu curso final, eles se encolhem e incorporam elementos que nos remetem à ideia de estreitamento e movimentos circulares, como se quisessem simular os movimentos de uma valsa. Seus recursos estilísticos são vastos. Do ponto de vista lexical, o autor usa palavras que se assemelham, cujos pares residem na mesma raiz, na tentativa de provocar o mesmo significado. Nesse sentido, podemos dizer que Valsinha é a mais pura poesia, pois as palavras vão e vêm provocando fortes sentimentos na sua interpretação. Morfológicamente, as raízes das palavras também se fazem presentes, mas com o uso de categorias diferentes dos verbetes. É o caso do verbo “dançar” e do substantivo “dança”.

Valsinha é estilisticamente um poema. Além de sua estrutura poética, possui a narrativa, o que faz dela um miniconto, pois possui um só

núcleo. Sua narração começa em um momento qualquer (um dia) e as ações são introduzidas sequencialmente até chegar a um fim esperado. Por isso, a narração é heterodiegética, centrada no narrador. Com o foco narrativo na 3.^a pessoa, o narrador vê tudo à distância e conduz o fato sem interferir na história. Assim, o ele controla todo o saber, sem limitações de profundidade externa ou interna, em todos os lugares ou em todos os tempos. Em resumo, o texto é narrado por um narrador onisciente.

4. Considerações finais

Analisando o poema “Valsinha”, deflagra-se na estrutura textual um sentimento poético de liberdade sexual, de sentimentos reprimidos, na manifestação de desejos, afetividade, numa mudança brusca de comportamentos, na expressão individual estilística encorajada, descomedida e orientada pelos sentimentos de luxúria e volúpia, encorajados pelo prazer, sem censura, sem repressão ou sem estado de culpas, em demonstrações mais eróticas.

Dessa maneira, o autor para provocar a ideia de valsar, vale-se de repetições de palavras ou termos dentro das orações, mais propriamente de sintagmas verbais das orações como ele, ela, os dois, criando uma gradação na mistura de significados que provocam um verdadeiro “rodopio” na percepção do leitor, até atingir seu intento, isto é, o clímax, quando o casal se ama sem nenhum tipo de pudor ou preconceito. Nesse sentido, podemos dizer que Valsinha é a mais pura poesia, pois as palavras vão e vêm provocando fortes sentimentos na sua interpretação numa rica estrutura estilística.

Diante disso, os autores lançaram mão, dentro da narrativa, de alguns elementos da oralidade, que servem de marcadores e operadores argumentativos, por exemplo, o uso das conjunções para marcar o próprio ritmo da valsa e do ato sexual. Valsinha exalta a liberdade dos integrantes desse movimento e a ousadia das manifestações nas suas relações afetivas, até então reprimidas e sufocadas na sociedade. A grande surpresa da canção fica por conta de seu sentido metafórico. A ideia concebida de que se refere a um casal apaixonado, deixa de ser tão importante para valorizar-se em uma dimensão maior: a do engajamento social. Seu sentido é muito mais global e universal, considerando que faz alusão a um movimento de caráter revolucionário que ousou desafiar a sociedade tradicional da época e contestar os valores e os padrões de seus regimes dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Contribuições à estilística da língua portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1997.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análises e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.